

Protestos na sociedade midiaticizada

Anelisa Maradei

*Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, professora dos cursos de pós-graduação em Comunicação das Universidades Metodista e Universidade Municipal de São Caetano do Sul
E-mail: ane@amaradei.com.br*

O artigo busca realizar uma análise dos desdobramentos da cobertura dos protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013, iniciados com as manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre. Partimos da perspectiva de que a insatisfação não é algo novo em nossa sociedade. Entretanto, o que nos propomos a observar é um cenário emergente em que esse processo se configurou, problematizando os movimentos sociais diante do fenômeno da midiaticização. O estudo apoia-se na observação de matérias de jornais, posts do *Twitter* e revisão bibliográfica.

Palavras-chave: midiaticização; redes sociais; democracia; protestos; liberdade de expressão.

Protests in mediatic society

This article seeks to make an analysis of the coverage of the protests occurred in Brazil during June 2013, started by the riots organized by Movimento Passe Livre. We come from a perspective that the dissatisfaction is nothing new to our society. However, what we propose to look at is a growing scenario in which the process was set, problematizing the social movement against the mediatization phenomenon. This study leans on the observation of journalistic reports, Twitter posts and bibliographic review.

Keywords: mediatization; digital networks; democracy; protests; freedom of expression.

Las protestas en la sociedad mediática

El artículo trata de hacer un análisis de la cobertura del despliegue de las protestas en Brasil en junio de 2013, iniciados con las manifestaciones organizadas por el Movimiento Pase Libre. Partimos de la perspectiva de que la insatisfacción no es algo nuevo en nuestra sociedad. Sin embargo, lo que nos proponemos observar es un escenario emergente en el que este proceso se configuró, problematizando a los movimientos sociales ante el fenómeno de la mediatización. El estudio se basa en la observación de periódicos, mensajes de *Twitter* y revisión de literatura.

Palabras Clave: *mediatización*; redes sociales; democracia; protestas; libertad de expresión.

A teoria liberal clássica tem raízes na desconfiança das pessoas diante das estruturas tradicionais de poder. A liberdade dos modernos, se comparada à dos antigos, limitou a soberania dos cidadãos ao instituir o sistema de representação baseado na ideia de que quem escolhe um representante delega o seu poder de decidir. Mas, por outro lado, as democracias modernas, atribuíram importante papel às instituições, ao defini-las como o meio pelo qual os cidadãos realizam as suas aspirações.

As instituições têm função de mediação, o que permite distinguir o regime democrático de outras formas de governo. Entretanto, nos movimentos de junho de 2013, assistimos à crítica contundente ao papel das instituições em vigência e uma importante forma de manifestação de liberdade de expressão. Foi colocada em xeque a confiança no papel dessas instituições (imprensa, partidos políticos, governo, polícia), derivada da justificação ética da atuação de governos, partidos políticos, imprensa etc. Enfim, assistimos ao questionamento, por parte dos cidadãos, se o desempenho das instituições seria compatível com as expectativas da sociedade.

Desconfiança é uma atitude de descrédito ou de desmerecimento de alguém ou de algo, e na democracia alguma dose desse tipo de atitude pode ser um sinal sadio de distanciamento dos cidadãos de uma dimensão da vida social da qual eles têm pouco controle (Warren, 2001). Em contrapartida, desconfiança política em excesso pode significar a insatisfação com que os cidadãos percebem as instituições democráticas, ou seja, pode demonstrar que os cidadãos percebem as instituições de forma diferente daquilo a que elas originariamente deveriam se propor a existir: estar a serviço dos cidadãos.

O Brasil, desde o período da Ditadura Militar, regime autoritário que governou o País de 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985, vem presenciando mobilizações sociais em busca da redemocratização, que têm levado os cidadãos às ruas para clamar por seus direitos. Na década de 60 e 70, estudantes lutaram contra o regime militar e muitos morreram e foram torturados. Outro momento emblemático foi o do movimento civil de reivindicações de eleições presidenciais diretas, ocorrido em 1983/1984, denominado Diretas Já, que agregou diversos setores da sociedade brasileira: partidos políticos de oposição ao regime ditatorial, lideranças sindicais, civis, artísticas, estudantes e jornalistas.

Para reprimir as manifestações populares, durante o mês de abril de 1984, o então presidente João Figueiredo aumentou a censura sobre a imprensa e ordenou prisões. Houve violência policial. A Emenda Dante de Oliveira, apresentada pelo Deputado Federal Dante de Oliveira (PMDB-MT), que tinha por objetivo reinstaurar as eleições diretas para presidente da República no Brasil, não foi aprovada na oportunidade. Apesar da rejeição da Emenda na Câmara dos Deputados, o movimento pelas “Diretas Já” teve grande importância na redemocratização do País. Suas lideranças passaram a formar a nova elite política brasileira.

A aprovação de uma nova Constituição Federal em 1988 e a realização das eleições diretas para Presidente da República em 1989, depois de 29 anos, conduziria o alagoano Fernando Collor de Melo à presidência do Brasil. Porém, na década de 90, o povo sairia às ruas novamente em busca de direitos. Dessa vez, um movimento iniciado por estudantes brasileiros, denominado Caras-pintadas, em 1992, pedia o *impeachment* do Presidente Collor de Melo e sua retirada do posto. O movimento baseou-se nas denúncias de corrupção que pesaram contra o presidente e ainda em suas medidas econômicas, e contou com milhares de jovens em todo o país.

A história seguiu e a década de 2000 passou em branco. Com a chegada ao poder do líder popular Luiz Inácio Lula da Silva, em 27 de outubro de 2002, e a esperança no mito de esquerda à frente da presidência do País, os movimentos acomodaram-se. Entretanto, sucessivas denúncias de corrupção, alavancadas especialmente pelo episódio do “Mensalão”¹, problemas em setores como transporte, saúde, educação, utilização de recursos públicos para viabilizar a Copa do Mundo de 2014, entre outros tópicos, levaram a população novamente às ruas.

As manifestações começaram a ganhar força em junho de 2013. Seu objetivo inicial foi protestar contra os 20 centavos de acréscimo no valor na passagem de ônibus em São Paulo e alastraram-se por todo País: Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Maceió, Natal, Salvador, entre outras capitais, além de cidades do interior. Os movimentos ganharam também apoio de brasileiros no exterior, em cidades como Dublin (Irlanda), Berlim (Alemanha), Nova York (EUA) e Montreal (Canadá), além de cobertura na imprensa internacional.

O presente artigo apresenta uma análise dos desdobramentos da cobertura dos protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013, iniciados com as manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre. Partimos da perspectiva de que insatisfação não é algo novo em nossa sociedade. Entretanto, o que nos propomos a observar é um cenário emergente em que esse processo se configurou, problematizando os movimentos sociais de junho diante do fenômeno da midiaticização.

O estudo apoia-se na observação de matérias de jornais, especialmente recortes de editoriais e manchetes da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, manifestações de leitores enviadas à Folha de S. Paulo (Painel do Leitor) e comentários de jornalistas de grande projeção no cenário jornalístico nacional. Foram também analisados posts de atores sociais que circularam durante o período dos protestos no *Twitter*. Esse material foi auditado por busca semântica e contemplou palavras-chave como: vem pra rua, protestosp, protestos-br, protestosrj, passe livre, entre outros termos correlatos. Nossas observações estendem-se de 6 a 20 de junho em jornais e concentram-se, devido ao grande volume de dados, aos dias 17, 18 e 19 de junho, aos posts auditados no *Twitter*.

1. Escândalo do Mensalão é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2005/2006. O episódio refere-se à compra de votos de parlamentares, no Brasil, que teve ação movida no Ministério Público denominada Ação Penal 470.

Ainda que a amplitude do material nos permitisse um aprofundamento maior do debate, consideramos que a amostragem, no âmbito do presente artigo, foi suficiente para iniciarmos a reflexão a que nos propusemos sobre o processo de midiatização da sociedade contemporânea, correlacionando os efeitos desse processo às formas de liberdade de expressão na atualidade. Trata-se de um estudo qualitativo, sem pretensão de ser conclusivo, que, entretanto, pretende ampliar as discussões sobre a questão dos deslocamentos das ações cidadãs, em busca do amadurecimento democrático na sociedade midiatizada.

Escolhemos o *Twitter* como rede social *online* para dar sustentação ao nosso estudo pela força que ele ostentou durante os protestos. O *Twitter* é um microblog, que foi introduzido e popularizado em meados de 2006. Nessa rede social online, os internautas podem postar suas mensagens, mas não é permitido exceder 140 caracteres, embora haja recursos para condensar informações, até mesmo reportagens, possibilitando que se divulgue muito mais conteúdo.

Inicialmente, a rede social virtual trazia a mensagem “*What are you doing*” (“O que você está fazendo”). Desde 2009, os usuários respondem a pergunta “*What’s happening*” (“O que está acontecendo”), num sinal de que o *Twitter* extrapolou o relato dos afazeres cotidianos, contribuindo também para a divulgação de acontecimentos de grandes proporções, como os protestos de junho de 2013. Hoje, pode ser usado como rede social virtual ou, até mesmo, como meio de informação. Como propõe Zago (2008, p.9):

A limitação de caracteres, associada à disposição em ordem cronológica inversa das atualizações, faz com que a ferramenta se torne interessante de ser empregada para coberturas estilo minuto a minuto de eventos e acontecimentos (no caso, frase a frase), o que, inclusive pode se dar a partir de dispositivos móveis. Já a eventual superficialidade das atualizações em uma ferramenta com limitação de caracteres pode ser compensada pelo fato de que se pode aprofundar as informações através de hipertextos, a partir da aposição de *links* que apontem para espaços que complementem a informação.

Além de matérias jornalísticas e *posts* do *Twitter*, utilizamos referências bibliográficas, tomando como apoio autores como Castells (2013), Braga (2006), Fausto Neto (2008), Martín- Barbero (2009), Verón (2013) para contextualizar a questão dos movimentos sociais na internet e das midiatizações.

Nossa proposta, neste artigo, é nos lançarmos no desafio de fazermos algumas articulações acerca dos processos de recepção na sociedade contemporânea midiatizada. No nosso entendimento, o processo de recepção deve ser percebido como integrante das práticas culturais. Vivemos numa sociedade em que os processos comunicacionais movem os vínculos entre sujeitos, cidadãos e instituições e isso não pode deixar de ser observado no contexto atual.

O funcionamento das instituições e suas práticas são diretamente afetados pela presença dos meios de comunicação. Observamos, assim, que a sociedade é midiaticizada, tendo em vista que todas as atividades da mídia atingem as práticas sociais e as consequentes modalidades de liberdade de expressão dos cidadãos. No episódio de junho não foi diferente, como apontamos em nossas ponderações a seguir.

Protestos de junho de 2013

O Movimento Passe Livre (MPL) defende a adoção da tarifa zero para transporte coletivo. Foi fundado em uma plenária, no Fórum Social Mundial em 2005, em Porto Alegre, e ganhou destaque, ao participar da organização dos protestos em São Paulo, em 2013. Na capital paulista, que será o foco maior de nossas observações, a escalada de protestos de junho de 2013 ganhou força a partir do dia 6 de junho, quando o MPL levou duas mil pessoas às ruas contra o aumento da passagem de R\$ 3 para R\$ 3,20.

Na capa do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 6, não havia menção à manifestação que ocorreria no período noturno. Nenhuma chamada sobre o que estaria por vir foi esboçada. Já no dia 7, o tema mereceria destaque na capa da *Folha*, em decorrência, evidentemente, das manifestações do dia anterior. Em tom contrário aos manifestantes, o jornal estampou “Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP”. A chamada era para o caderno Cotidiano. Uma foto em destaque na capa da edição trazia a legenda “Manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre, ligado a estudantes, ao PSOL e ao PSTU, queimam catracas de papelão na avenida 23 de Maio.

No dia 10, o prefeito da capital, na chamada de capa do caderno Cotidiano, defendia a ação da PM: “Haddad defende ação da PM para tirar protestos de vias”. Para o prefeito, grupo deveria “renunciar à violência”. Até essa data, bem como nos dias 11 e 12 de junho de 2013, havia um baixo índice de publicações de cidadãos no PAINEL DO LEITOR relativas ao tema. Nos dias que se seguiram, especialmente nos dias 15, 16 e 17 de junho, há um substancial aumento de referências ao tema. Por outro lado, o jornal, em suas páginas, dava destaque à “preservação da ordem”, sem dimensionar as razões que estariam levando os paulistanos a aderir, cada vez mais, o movimento.

No dia 13, com a imprensa alinhada contra o que, até então, era percebido como ato de “vandalismo” e não como manifestação legítima dos cidadãos brasileiros, o Governo de São Paulo cometeria um erro estratégico que custaria popularidade a todas as instâncias administrativas: federal, estadual e municipal. Geraldo Alckmin, nessa oportunidade, declararia “guerra” aos manifestantes. A manchete da *Folha de S. Paulo* da data foi: “Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo. Polícia acionará Tropa de Choque em ato hoje, e Alckmin co-

brará manifestantes por prejuízos”. A *Folha de S. Paulo*, ainda na edição de 13 de junho, abriu espaço para que os líderes do Movimento Passe Livre publicassem um artigo, no primeiro caderno, explicando “Por que estamos nas ruas”. Entretanto, não lhe foi dado destaque, nem recebeu menção na primeira página do jornal.

Em contrapartida, um editorial sugeria “Retomar a Paulista”. Em um texto polêmico e tendencioso, que traduzia a posição do periódico, o protesto é chamado de abusivo, e a reivindicação de redução da tarifa não passaria “de pretexto, e dos mais vis”. Os jovens manifestantes estariam, segundo o jornal, “predispostos à violência por uma ideologia pseudo-revolucionária”. Os manifestantes são chamados de “grupelho”, numa tentativa de desqualificar os protestos e cercar a liberdade de expressão. E o texto continua: “É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista...” E o editorial encerra com um decreto: “No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei”. Na mesma data, e realizando uma cobertura na mesma direção, defendendo a repressão, o jornal *O Estado de S. Paulo* trazia o editorial “Chegou a hora do basta”.

Se *Folha*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal Nacional* (Rede Globo) só tinham olhos para o vandalismo até o dia 13 de junho, isso não foi suficiente para conter nas redes sociais a articulação dos cidadãos. A desastrosa ação da polícia, em São Paulo, no dia 13 de junho, que cometeu excessos em confronto com manifestantes, revelando-se despreparada e violenta, somada às vozes que ecoavam cada vez mais fortes das redes sociais, fez com que os protestos ganhassem outra dimensão.

Nesses espaços virtuais, os cidadãos puderam extravasar opiniões, buscar a mobilização e ouvir outros pontos de vista. Até pouco tempo, era a mídia impressa e televisiva que criava e orientava os grandes movimentos populares. Basta lembrarmos as “Diretas Já”, que mencionamos anteriormente. Hoje, entretanto, há um jeito novo de lidar com e exercer o poder, um modo que imprensa e governos não estavam acostumados a encarar e que tiveram que enfrentar. Constatou-se, com esse movimento histórico, que, com o advento da internet e com a propagação de blogs, sites e redes sociais digitais, não há mais necessidade de representação de governos, partidos políticos ou imprensa para se mobilizar a nação. Cada cidadão pode, na contemporaneidade, expressar sua opinião e fazer valer seus direitos democráticos.

Assim, verificamos diversas articulações nas redes que demonstravam as novas formas em que se processa a comunicação durante manifestações políticas na atualidade. No exemplo abaixo, observamos, por exemplo, um ator social que busca, pela rede, alertar os cidadãos em ação nas ruas, para que se resguardem, durante os protestos, da ação da polícia:

Postado por amarelonu, em 17/06/2013, às 18:21
 RT @_sfogarsi: PM está na Faria Lima pegando celulares e rasgando cartazes.
 #OGiganteAcordou #protestosp #occupysp

Percebe-se, dessa forma, que esses movimentos ganham força na internet, pois as redes sociais têm autonomia que vai além do controle de governos e de instituições. Outro ponto que pudemos observar é que, na sociedade midiaticizada, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público. A onda que começou na rede ampliou-se, chegando aos espaços urbanos, ganhando praças e ruas, nas mais diferentes cidades do País:

Postado por Lucasohira, em 17/06/2013, às 00:39
 Isso aí, povo brasileiro acordando, tô gostando de ver... #TodaRevoluçãoComeçaComUmaFaísca #AcordaBrasil #SaímosDoFacebook!

Os cidadãos brasileiros trouxeram para si, em junho de 2013, o direito de fazer história, a exemplo do que já haviam presenciado em outros países (Espanha, Estados Unidos, Egito). Usaram as redes sociais para suas articulações. Assim como em outras partes do planeta, os cidadãos ignoraram partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram lideranças e rejeitaram organizações formais.

Postado por thaisbatista_, em 17/06/2013, às 18:27
 Não é só pelos 20 centavos é pelo direito de não ser encoxado. #OBrasilAcordou #ContraAPec37 #SaimosDoFacebook #Nãoéópelos20centavos

Isso foi possível porque as mediações, nos ambientes das redes virtuais, ocorrem em ritmo mais acelerado, envolvem maior número de atores sociais e de dispositivos midiáticos, com consequente ampliação das temáticas que são objeto das negociações de sentido. Como reflete Castells (2003, p. 129):

A Internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestações, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública. Esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado.

Em entrevista concedida à *Revista Galileu*, por ocasião de sua visita ao Brasil para participar do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, no mês de junho de 2013, Castells pontuou que esses movimentos são mais do que

políticos, são movimentos sociais e têm capacidade de realizar uma transformação cultural que pode provocar mudanças efetivas na sociedade. Para ele, esses movimentos começam na internet, mas não são essencialmente digitais: “Eles só tornam-se visíveis e passam a existir de fato quando tornam as ruas”, explicou. Ele ainda ponderou que:

São movimentos emocionais e que se unem pela recuperação de uma dignidade que se perdeu. Às vezes eles começam pequenos e parecem que se mobilizam por pouca coisa, mas que funcionam como apenas uma gota a mais em uma indignação que existe em todos os setores sociais, que as pessoas não aguentam mais (Castells, 2013).

E foi assim que aconteceu no Brasil. No início, eram apenas 20 centavos. Buscava-se revogar o aumento da passagem do transporte público. Posteriormente, a indignação diante de tantos outros problemas sociais levou os manifestantes a protestarem contra saúde, educação, altos impostos e outras bandeiras. O fato é que, a exemplo do que presenciamos em junho, “Sem confiança o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem ao se transformarem em indivíduos lutando pela sobrevivência” (Castells, 2013, p. 7).

Sociedade midiaticizada

É importante retomar o conceito de midiaticização, para que possamos compreender o contexto em que se deram os movimentos de junho. Para Verón (2013, p.115), “a midiaticização não concerne somente ao ‘estado atual da sociedade’, tendo em vista que é um processo que acompanha a evolução do *sapiens* desde o surgimento das indústrias líticas (tradução nossa). Para ele somos atores do último episódio de uma novela que vem de muito tempo. Entretanto, o autor não desconsidera que a acumulação cada vez mais rápida de fenômenos midiáticos nos daria a sensação de que seria um fenômeno da contemporaneidade.

Hjarvard (2008), por sua vez, não compartilha do pensamento de Verón. Para ele, a midiaticização não é um fenômeno universal, mas, sim, um processo da modernidade tardia:

Midiaticização não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades. É primeiramente um desenvolvimento que se acelerou particularmente nos últimos anos do século XX, em sociedades modernas, altamente industrializadas e predominantemente ocidentais[...] (Hjarvard, 2008, p.113).

2. MANUEL Castells se apresenta no Fronteiras do Pensamento. Revista Galileu. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,EMI339117770,00-MANUEL-CASTELLS+-SE+APRESENTA+NO+FRONTIERAS+DO+PENSAMENTO.html>>. Acesso em: 28 jun 2013.

O autor entende que vivemos uma midiatização intensiva da cultura e da sociedade, que não se limita à formação da opinião pública, mas atravessa quase todas as instituições sociais e culturais. Cada vez mais, segundo ele, outras instituições necessitam de recursos da mídia, incluindo sua habilidade de representar a informação, construir relações sociais e ganhar a atenção com ações comunicativas. Nesse sentido, justificamos a pertinência do presente trabalho, ao analisarmos o papel da mídia no contexto das manifestações de junho de 2013, sob a perspectiva de uma sociedade midiatizada, atravessada pela importância dos processos comunicacionais.

A análise da midiatização sugere um mundo inteiramente mediado em que não é possível analisar a política, o meio-ambiente, a família, a religião, a universidade, sem levar em conta a presença da mídia. Silverstone (2005), na mesma perspectiva, enfatiza essa dependência global, afirmando que a política, assim como a experiência da vida cotidiana, não pode ser mais pensada fora de um quadro midiático.

Para Braga (2006, p. 220), um dos teóricos que se destaca nos estudos sobre midiatização, também existiria, um “sistema de interação social sobre a mídia”, um “sistema de resposta social”. Ele vai além e afirma que: “A sociedade dispõe de processos de enfrentamento que, por sua pluralidade mesmo, por pouco que haja acesso a essa diversidade, seriam estimuladores de reflexão, cotejo e aprendizagem. Os dispositivos sociais elaboram múltiplas perspectivas e as fazem circular” (Braga, 2006).

Assim, podemos pensar, na perspectiva das apropriações com as quais, na oportunidade das manifestações de junho, os cidadãos “enfrentaram” a mídia, fazendo valer novas formas de liberdade de expressão. Especialmente a mídia tradicional, os grandes jornais, os grandes conglomerados de TV, especialmente a *Rede Globo*, que vinham perpetuando um discurso conservador, tratando os manifestantes como “baderneiros” e “vândalos”.

Ou seja, pela reconfiguração e pelos processos de interpretação dos sentidos que se deram nas ruas, ou pela apropriação dos sentidos que foram estabelecidos nas redes sociais, o movimento ganhou força, saiu das redes online e conseguiu reconfigurar-se. Até mesmo, a partir do dia 14 de junho, o próprio discurso da chamada “grande imprensa” foi reestabelecido, ganhando um novo tom, mais favorável aos manifestantes.

Não por acaso, assistimos a retratação e o redirecionamento do discurso de grandes expoentes do jornalismo nacional durante o processo dos protestos, como foi o caso do jornalista Arnaldo Jabor. O comentarista da *TV Globo* mudou de posição em relação ao movimento, depois que as articulações sociais ganharam

força. No tocante a esse profissional, após ser alvo de pesadas críticas, que emanaram em grande parte das redes sociais, ele retratou-se na *CBN* sobre comentário exibido no *Jornal da Globo*:

Amigos ouvintes, outro dia eu errei. Sim. Errei na avaliação no primeiro dia das manifestações contra o aumento das passagens em São Paulo. Falei na TV sobre o que me parecia um bando de irresponsáveis fazendo provocações por causa de 0,20 centavos. Era muito mais que isso. Pois eu fiz um erro de avaliação. E esta é minha autocrítica (Jabor, 2013, *online*).

Paradoxalmente, foi a própria mídia que deu aos cidadãos os elementos para o enfrentamento das instituições, inclusive a própria imprensa. Observamos em muitos posts do *Twitter* que os atores sociais promoveram a recirculação de notícias de jornais, como *Folha de S. Paulo*. Esse, aliás, é um dos pontos neurais da sociedade midiaticizada. Como detalha Fausto Neto (2008, p.93), as mídias, na contemporaneidade, perdem o “lugar de auxiliar e passam a se constituir em uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos de interação entre as instituições e os atores sociais e entre os próprios atores”.

Percebe-se, assim, que a mídia é o elemento estruturante da vida social contemporânea. As relações tornam-se bem mais complexas e a circulação de informação é “transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento” (Fausto Neto, 2010, p II).

Nessa perspectiva, percebe-se, como menciona o citado autor, que a comunicação é colocada como protagonista nas relações sociais e culturais na contemporaneidade. Essa perspectiva parece não poder ser evitada nem mesmo pelo referenciado Martín Barbero (2009), ao propor a passagem do modelo das mediações culturais da comunicação para o das mediações comunicativas da cultura. Numa aproximação dos conceitos teóricos que problematizam a questão, ele propõe:

[...] Inverto meu primeiro mapa e proponho as ‘mediações comunicativas da cultura’, que são a ‘tecnicidade’, a ‘institucionalidade’ crescente dos meios como instituições sociais e não apenas aparatos, instituições de peso econômico, cultural; a ‘sociabilidade’[...] Era preciso assumir não a prioridade dos meios, mas sim que ‘o comunicativo está se transformando em protagonista de uma maneira muito forte’ (Barbero, 2009).

O que parece que fica evidente em nossas observações é o enfraquecimento da mídia de massa nesse contexto. Apesar dos editoriais tendenciosos e de todo direcionamento dado pela mídia para reprimir o movimento e enfraquecer a articulação dos atores sociais, na sociedade midiaticizada há outras formas de articulação que se sobrepõem, ou pelo menos interagem com os meios massivos.

Como sustenta Hjavard (2014, p.23): “...a comunicação de massa tem sido complementada por uma variedade de mídias interativas, permitindo a todos não apenas receber, mas também se engajar ativamente em diversas formas de comunicação com alcance potencialmente global”.

Entretanto, se não foi possível alcançar um bom nível de debate nas páginas de grandes jornais como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, a pluralidade de expressão viria das redes sociais digitais, especialmente após a desastrosa atuação das autoridades e polícia na noite de 13 de junho³.

Considerações Finais

Embora o que foi presenciado no mês de junho tenha sido um avanço, em termos de exercício de cidadania e liberdade de expressão, não podemos deixar de pontuar que a democracia brasileira ainda caminha para o amadurecimento. Nada nos leva a crer, num primeiro momento, que a legitimidade democrática possa ser fortalecida pela dispensa dos sistemas institucionalizados: jurídico, legislativo, administrativo, de imprensa. O que nos parece pertinente observar é que o processo jornalístico de construção da realidade foi, no episódio de junho, impactado pela sociedade midiaticizada e suas novas formas de configuração e que o jornalista já não é mais soberano no trabalho de produção da notícia, embora ainda desempenhe um papel importante nos processos comunicacionais.

O que se pretende neste trabalho é fomentar a discussão da nova lógica de produção noticiosa. A midiaticização parece trazer para a sociedade brasileira, no âmbito do sistema da informação, uma nova disputa de sentidos, um ambiente de articulação e disputas entre novos e antigos atores. O que nos propomos, enfim, é deslocar o foco de atenção dos estudos em comunicação dos meios, o que já vem acontecendo na América Latina, para a perspectiva da midiaticização.

Propomos superar uma visão objetivista dos meios, pois percebemos que nesse novo cenário histórico, político, cultural e social estes se colocam como espaço de ação e de resistência dos cidadãos. Propomos, como sugere Martín-Barbero (2009, p. 152), “assumir não a prioridade dos meios, mas sim que o comunicativo está se transformando de uma maneira muito forte” em nossa sociedade.

Isso pode ser um indicador positivo de novos caminhos rumo a horizontes mais democráticos, de ampliação da liberdade de expressão, tendo em vista que a democracia só pode ser exercida diante da pluralidade de canais de expressão que a sociedade contemporânea vem nos proporcionando. E essa pluralidade não se limita à opinião pública, mas atravessa a sociedade em todos os campos: cultural, familiar, trabalho, política, religião etc. Basta aos indivíduos saber se movimentar na exata direção de seus direitos democráticos.

3. Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos. Acervo *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/14/2/>>. Acesso em 16 out 2013.

Referências

- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- HJARVARD, Stig. *The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change*. **Nordicom Review**, vol. 29, n. 2, p. 105-134, 2008.
- _____. Mediatização: conceituando a mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, São Paulo. V.8, n.1, jan/jun 2014
- FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da mediatização. **Revista Matrizes**, São Paulo, n.2, abr.2008.
- JABOR, A. Amigos eu errei. É muito mais do que 20 centavos. **Globo.com**. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DOQUE-20-CENTAVOS.htm>>. Acesso em 29 jun 2013.
- LIPSON, Leslie. **A Civilização Democrática**. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1966.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Revista Matrizes**, São Paulo, v.2, p.143-162, 2009.
- MANUEL Castells se apresenta no Fronteiras do Pensamento. **Revista Galileu**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339114-17770,00-MANUEL+CASTELLS+SE+APRESENTA+NO+FRONTEIRAS+DO+PENSAMENTO.html>>. Acesso em: 28 jun 2013.
- MOISÉS, José Álvaro (org.). **Democracia e Confiança**: Por que os Cidadãos Desconfiam das Instituições Públicas? São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2010.
- NETO, Fausto. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; Valdetaro, Sandra (Org.) *Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina*, Rosario, Argentina: Departamento de Ciencias de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010. Pg. 2-15. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>>. Acesso em 01 de out 2014.
- POLÍCIA reage com violência a protesto e SP vive noite de caos. **Acervo Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/14/2/>>. Acesso em 16 out 2013.

SILVERSTONE, R. *Mediation and Communication*. In: CCALHOUN, C.; ROJEK, C., et al. 9Ed.). *The International Journal Handbook of Sociology*. London: Sage, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VERÓN, Eliseo. Entrevista. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v.1, n.2, p.115-118, dezembro, 2013.

Warren, M. E. *Democratic Theory and Trust*. In: Warren, M. E. *Democracy and Trust*. Cambridge University Press, 1999.

ZAGO, Gabriela. **O Twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos**. 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em São Bernardo do Campo, SP. p.9, 2008. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uff.br%2Fciberlegenda%2Fajs%2Findex.php%2Fvista%2Farticle%2Fdownload%2F%2F14&ei=QQ0sVL-SoOffCsAT3wIDIDA&usg=AFQjCNGxRIhbb6HRJ-pB7-U-ZUxh67_HcA>. Acesso em 01 de out 2014.